

Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: *fake news* e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois¹

Patterns of manipulation in Brazilian journalism: fake news and criticism of Perseu Abramo 30 years later

*Rogério Christofolletti*²

1 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no I Simpósio de Crítica de Mídia: como criticam os que criticam?, realizado em 21 e 22 de setembro de 2017 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Professor e pesquisador do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de produtividade do CNPq. Um dos líderes do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS). E-mail: rogerio.christofolletti@uol.com.br.

Resumo

Há exatos trinta anos, o jornalista Perseu Abramo escreveu um curto ensaio em que enumerava cinco padrões de manipulação observáveis nos grandes veículos de comunicação brasileiros. O texto foi publicado apenas em 2003, mas sua permanência e influência podem ser verificadas ainda hoje, principalmente quando se discute a dimensão política dos meios de comunicação. Manipulação da informação é um conceito problemático e raramente enfrentado na bibliografia nacional. Neste artigo, tensionamos a expressão no plano da ética jornalística e da crítica de mídia e sugerimos alguns avanços nos padrões de Abramo, levando em conta a paisagem midiática contemporânea e as ameaças da pós-verdade e das chamadas *fake news*.

Palavras-chave

Manipulação da informação, *fake news*, jornalismo brasileiro, ética jornalística, crítica de mídia.

Abstract

Exactly thirty years ago, the journalist Perseu Abramo wrote a short essay presenting five patterns of manipulation used by the largest Brazilian news outlets. The article was only published in 2003, but its permanence and influence can still be verified nowadays, especially when discussing the political dimension of media. Information manipulation is a problematic concept and rarely discussed in the Brazilian bibliography. Furthermore, we discuss the expression considering journalism ethics and media criticism, and suggest some advances in Abramo's discussions, considering the contemporary media landscape and threats such as post-truths and fake news.

Keywords

Information manipulation, fake news, Brazilian journalism, journalism ethics, media criticism.

O episódio de manipulação informativa mais citado no jornalismo brasileiro é o último debate da eleição presidencial de 1989, realizado em 14 de dezembro por um *pool* de emissoras e veiculado de forma editada pela Rede Globo um dia depois. O confronto entre Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva era o último capítulo de uma campanha longa, acirrada e suja. A primeira escolha de presidente da República pelo voto popular após a redemocratização do país opunha projetos políticos bem distintos, pavimentando a polarização num ambiente democrático ainda inseguro. O debate aconteceu apenas três dias antes da votação em segundo turno, foi transmitido ao vivo, sem cortes, e durou mais de duas horas. Conti (1999, p. 252) lembra que, no dia do programa televisivo, “Lula estava apenas um ponto percentual abaixo de Collor” na pesquisa de intenção de votos, situação que hipertrofiou a importância do evento como instrumento de tomada de decisão pelos eleitores.

No dia seguinte, a sexta-feira, 15, a Globo exibiu duas matérias com resumos, uma no Jornal Hoje e outra no Jornal Nacional. “As duas foram questionadas”, reconheceu a emissora anos depois. “A primeira por apresentar um equilíbrio que não houve, e a segunda por privilegiar o desempenho de Collor. Mas foi a segunda que provocou grande polêmica. A Globo foi acusada de ter favorecido o candidato do PRN tanto na seleção dos momentos como no tempo dado a cada candidato, já que Fernando Collor teve um minuto e meio a mais do que o adversário” (MEMÓRIA GLOBO, 2013).

A versão resumida no Jornal Nacional não só mostrou Collor por mais tempo, mas também em trechos mais confiantes e positivos, dando uma clara impressão de que *vencera* o debate. “É possível argumentar que a escolha das falas dos dois candidatos tentou refletir o conteúdo total do debate. Mas é impossível defender que o Jornal Nacional buscou espelhar o debate de modo neutro e fiel: dar 1 min 12 a mais para Collor foi uma maneira clara de privilegiá-lo” (CONTI, 1999, p. 269-270). A matéria causou indignação, o PT recorreu ao Tribunal Superior Eleitoral pedindo direito de resposta, mas não foi atendido.

Naquele final de semana, Collor foi eleito com 35 milhões contra 31 milhões de votos, e, dadas as circunstâncias, ficou difícil não atribuir parte desse resultado à influência do debate editado. A própria emissora admitiu o dano causado à sua imagem pelo episódio³ e disse ter sido um erro tratar o debate como uma partida de futebol. Desde então, a Rede Globo afirma não editar mais debates eleitorais⁴, mas essa decisão editorial não conseguiu apagar do imaginário social a suspeita de que a emissora “manipulou o debate”.

Manipulação e *fake news*: conceitos difusos

A manipulação da informação é um conceito complexo, apesar de ser uma ideia largamente aceita e disseminada. Se na área da farmacologia, manipular substâncias para produzir medicamentos é um gesto intrínseco e necessário, afirmar que alguém manipulou dados e informações no campo da comunicação quase sempre tem caráter pejorativo. Isso porque manipulação seria ao mesmo tempo operar em algo, interferir na sua integridade e afetar o seu fluxo natural. Manipular uma notícia é distorcer, não ser fiel ao fato de origem, enganar, omitir, inverter, mentir.

Os problemas de uma formulação como essa residem na possibilidade de intervenção em algo dado – a informação –, sua essência e impermeabilidade. Isto é, na consideração de que a comunicação e o jornalismo possam ser formas de espelhar o mundo e a realidade, e disso sejam capazes.

Apesar das armadilhas derivadas dessa aceitação, a ideia de manipulação da informação transita com muita facilidade na sociedade e no senso comum. É natural e frequente criticar profissionais e organizações informativas porque esses manipularam as notícias. A assertiva pode conter elementos que caracterizem

3 O debate na íntegra e as polêmicas reportagens estão disponíveis em <<https://goo.gl/EZn4fw>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

4 Na edição de 22 de abril de 2015, o Jornal Nacional fez uma espécie de mea-culpa pelo episódio. “Um debate entre candidatos é um confronto de ideias que precisa ser visto no todo”, disse o apresentador William Bonner. “Resumir, como se faz em um jogo de futebol, com os melhores momentos, que foi a ideia na época, é um risco enorme”. Mais em <<https://goo.gl/3qWRR4>>. O episódio foi ignorado no livro lançado para celebrar os 40 anos do telejornal (BONNER, 2009).

interferência indevida, justificando a crítica, mas existem casos também em que a manipulação é resultado mais da não correspondência de expectativas de conteúdo ou forma do que propriamente distorção, desvio ou construção artificial de um relato. No episódio da edição do debate de 1989, os mais céticos poderiam argumentar que a síntese apresentada no Jornal Nacional não ficou tão distante do que se passou no dia anterior, e que apenas desagradou eleitores, militantes e correligionários do candidato Lula da Silva. O reconhecimento por parte da emissora, no entanto, enfatiza que o tratamento dado ao fato não foi o mais adequado e confirma a ideia embrionária de uma intervenção indevida e indesejada.

Para Erbolato (1985), a manipulação da informação acontece quando a notícia tem um tratamento tendencioso ou objetiva mostrar tão somente alguns aspectos. Assim, o fazer jornalístico estaria sofrendo interferências de caráter político para atender interesses particulares em detrimento do interesse da coletividade. Isso sedimenta a ideia de que a manipulação é uma ação deliberada, planejada, premeditada ou resultado da convicção de que é preciso intervir. Não é um ato inadvertido.

Por outro lado, é preciso levar em consideração que, como uma das etapas da produção jornalística é justamente a seleção dos dados, determinar o que permanece no relato e o que deve ser descartado pode ajudar a manipular ou simplesmente ser um procedimento habitual. Subjetivismos poderiam contaminar as decisões, é verdade, mas critérios jornalísticos mais nítidos e transparentes tendem a encolher o perigoso terreno das individualidades.

Manipular tem a ver com astúcia, artimanha, técnicas de persuasão e convencimento. O verbo que serve de rótulo à ideia faz clara alusão ao controle de fantoches, ao teatro de manipulação de bonecos. Sem vida espontânea, esses personagens só se movimentam graças aos fios que os ligam às mãos de um ator, que decide e administra seus movimentos. Por extensão, manipular o noticiário significa controlar, coagir, sugerir, induzir por meio da razão ou dos afetos. Atenderia à vontade de dominar indivíduos ou populações, orientando suas condutas. Assim, a manipulação é um complexo de controle social que contribui

para a massificação das sociedades e para a emergência de indivíduos que se movem por vontades alheias as suas.

Para Herman e Chomsky (2008), as múltiplas estratégias de manipulação atendem a motivações ideológicas, o que aprofunda seu caráter político e as aproxima da propaganda. Emissoras de TV e jornais manipulariam as informações para adormecer consciências, postergar motins, abafar as contradições do sistema dominante e moldar a opinião pública. Diferente de informação, o jornalismo estaria se prestando a fazer conformação.

Holiday (2012) chama a atenção para as manipulações que atendem a demandas mercadológicas, cada vez mais frequentes, astuciosas e onipresentes desde o surgimento da internet, dos blogs e das redes sociais. Para além da oferta de conteúdos pretensamente verdadeiros à mídia, o autor enumera táticas que vão do suborno à enganação do público, passando pelo redirecionamento de verbas publicitárias de um segmento a outro e pelo uso de mecanismos técnicos para dar mais visibilidade a sites em motores de busca e demais vitrines virtuais. As ações descritas por Holiday se distanciam anos-luz dos cânones jornalísticos e se enquadram mais nos moldes de publicidade, guerrilhas cibernéticas e jogo sujo de fazer prevalecer a vontade de quem paga mais. Entretanto, no final desta segunda década do século, o ecossistema informacional está encharcado de manipuladores, enganadores, estrategistas políticos, vendedores de todos os tipos, jornalistas, profissionais da mentira, amadores desavisados, robôs e agências especializadas na produção de *fake news*.

Se o conceito de manipulação traz suas complexidades, a definição de *fake news* também ainda é bastante controversa. Tandoc, Lim e Ling (2017) debruçam-se sobre dezenas de artigos que tratam do tema para arriscar uma tipologia: notícia satírica, paródia, notícia fabricada, foto manipulada, conteúdos de publicidade e relações públicas, e simplesmente propaganda. Wardle (2017) oferece outra tipologia: sátira ou paródia, conteúdo enganoso, conteúdo falso, conteúdo impostor, conteúdo manipulado, conteúdo fabricado e materiais com associação falsa.

São cristalinas as similaridades entre as tentativas de definição de *fake news* e de manipulação informativa, pois elas se recobrem, se atualizam e ampliam os contornos nebulosos de suas ideias de origem. *Fake news* não são apenas notícias falsas, mas também plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem, confundam, enganem. Elas viralizam nas redes sociais, espalhadas por indivíduos desavisados ou interessados e por sistemas automatizados, como *bots* e algoritmos. Alimentam realidades alternativas, que simplesmente não reconhecem os fatos em detrimento de suas convicções e emoções (CHRISTOFOLETTI, 2017), compondo um cenário de pós-verdade, besteira e desencanto generalizado (BALL, 2017; DUNKER et al., 2017). São rotuladas de *fake* quando não atendem às expectativas de seus públicos, como bem demonstrou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, atacando jornalistas e veículos de comunicação que faziam coberturas críticas de seu mandato.

São difusos os conceitos de manipulação informativa e de *fake news*. Suas fragilidades residem em dois aspectos. Primeiro, acreditar que o jornalismo possa ser especular e que as notícias espelhem fielmente a realidade. Por impossibilidade prática, os relatos que circulam nos meios de comunicação de massa guardam tão somente correspondências com os episódios que se dão na vida cotidiana. Assim, são produtos que representam o real, os fatos, as cenas e as pessoas. Não são eles em si mesmos. A insistência de uma visão especular do jornalismo, quando hoje se considera com grande facilidade que a objetividade total e a isenção completa sejam impossíveis nos relatos jornalísticos, minam parcialmente a ideia de manipulação. Uma segunda fragilidade é a grande dificuldade de identificar e atestar que uma matéria sofreu manipulação, foi fruto de erro ou mal interpretada. O mesmo com as *fake news*. Medir a escala de ocorrência, sua frequência e alcance são problemáticos atualmente.

Apesar dessas fragilidades, não podemos negar que informações possam ser distorcidas, que coberturas possam ser viciadas, e que notícias sejam premeditadamente falseadas. Não vamos jogar o bebê com a água suja da banheira. Os conceitos porosos de *fake news* e de manipulação da informação

ainda nos servem. O jornalismo pode não ser capaz de espelhar a realidade, mas tem condições de oferecer relatos cotidianos que guardem grande correspondência com os acontecimentos e seus personagens. Sua técnica e seu modo de produção dispõem de instrumental para isso. Sua deontologia reforça esse caráter.

Perseu Abramo e os padrões de manipulação

Uma referência recorrente na bibliografia brasileira sobre manipulação informativa é o curto ensaio de Perseu Abramo intitulado “Significado político da manipulação na grande imprensa”, que foi escrito há exatos trinta anos e que só foi publicado em 2003 sob uma rubrica mais enfática: “Padrões de manipulação na grande imprensa”⁵. Seu contexto de escrita do texto é o do final da década de 1980, em meio às discussões da Assembleia Nacional Constituinte que resultariam numa nova Constituição Federal, a de 1988, ao mesmo tempo substitutiva da ordem jurídica da ditadura militar e definidora de contornos de nova cidadania e participação popular. À época, emergiram debates em torno da democratização dos meios de comunicação, direitos e garantias das audiências, e até mesmo embriões de modelos de controle social da mídia, e esse caldo cultural deve ter influenciado decisivamente os escritos de Perseu Abramo (1929-1996), jornalista experiente, professor universitário e com atuação na esquerda brasileira. O contexto da escrita de seu ensaio é, portanto, efervescente de ideias, ao mesmo crítico, utópico e esperançoso, como se pode perceber nas conclusões do ensaio.

Apesar de não antever o surgimento da internet e suas decorrentes transformações no jornalismo, o império das redes sociais e avalanche de *fake news*, e embora alimente uma visão por vezes idealista do papel da sociedade na mudança do mercado de mídia, Abramo desenvolve uma hipótese nítida e própria em torno da manipulação informativa. Outras duas características ajudam a galvanizar os padrões por ele descritos no ensaio: trata-se da descrição de um cenário genuinamente brasileiro (e não de modelos importados) e a maior parte

5 Doravante citado como Abramo (2003) ou Abramo (2016), a depender da edição mencionada.

dos tipos de manipulação ainda pode ser observada, o que nos leva a dizer que o esquema de Abramo ainda funciona. Talvez alguns acréscimos possam ser feitos, mas vamos nos dedicar a isso na próxima seção.

No início do texto, Abramo (2003, 2016) reconhece que nem toda informação é manipulada na mídia nacional, pois essa condição teria um efeito autodestrutivo para o jornalismo na medida em que provocaria erosão na sua credibilidade e esvaziamento de sua função social e pública. Por outro lado, o autor afirma que matérias manipuladas não são tão raras, a ponto de serem observáveis alguns padrões de ocorrência. Para ele, padrões são tipos ou modelos que ajudam a organizar as ações num processo de manipulação informativa. Para tanto, enumera quatro grandes tipos de ocorrência na imprensa e um específico dos veículos de rádio e televisão: 1) padrão de ocultação; 2) padrão de fragmentação; 3) padrão de inversão; 4) padrão de indução; 5) padrão global.

Para Abramo, a manipulação nos meios de comunicação é um conjunto de agências deliberadas que tem significados e propósitos circunscritos ao atendimento de interesses econômicos, mas, sobretudo, políticos. Não é à toa que o título original de seu ensaio faça menção explícita a um significado político que resulte dos gestos de manipulação informativa.

Como se pode perceber no texto, a visão de Abramo é ainda muito vinculada a um paradigma especular do jornalismo, como se jornalistas e veículos de comunicação pudessem refletir fatos e ocorrências de forma imediata e sem intervenções ou mediações:

O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade. A maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar *outra* realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real. É uma realidade *artificial, não-real, irreal*, criada e desenvolvida pela imprensa e apresentada no *lugar* da realidade real. A relação entre a imprensa e a realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o

objeto como também não é a sua imagem: é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real (2003, p. 23-24).

Na atualidade, o paradigma especular é muito questionável na academia e na categoria, dadas as muitas evidências da incapacidade de o jornalismo refletir a realidade sem qualquer refração. No raciocínio de Abramo devem conviver tanto visões de mundo quanto desejos e aspirações para esse mundo, daí que, mais importante do que negar integralmente sua proposta, seja útil avaliar que aspectos ainda funcionam e se prestam a explicar as práticas jornalísticas.

O primeiro padrão de manipulação da imprensa brasileira descrito pelo autor é o da *ocultação*, que se caracteriza sobretudo pelo “deliberado silêncio militante sobre determinados fatos de realidade” (2003, p. 25) e se dá antes da apuração da informação, pois acontece na etapa de programação ou planejamento das matérias. “Tomada a decisão de que um fato ‘não é jornalístico’, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência por meio da imprensa” (2003, p. 26-27), privando o público do conhecimento do fato pelas vias consagradas da mídia tradicional.

Trinta anos após sua proposição, o padrão de ocultação é um tipo ainda observável na cobertura nacional, e um exemplo recente ilustra isso. No final de abril de 2017, centrais sindicais convocaram protestos contra as reformas trabalhista e previdenciária e, na véspera da manifestação, o acontecimento foi simplesmente ignorado pelos principais telejornais da Rede Globo. O “esquecimento” provocou cobranças nas redes sociais e questionamento em colunas especializada⁶. O apresentador do Bom Dia RJ, Flavio Fachel (2017), respondeu a seus seguidores no Twitter na mesma noite: “O que é notícia? O que acontece. E a greve? Se acontecer, a notícia é amanhã. #Jornalismo”. A justificativa pode ser aceita por alguns, mas sabe-se que o jornalismo se ocupa também de antecipar fatos, como os preparativos para uma final de campeonato ou um esperado julgamento, por exemplo. Do ponto de vista das operações do discurso, a resposta de Fachel funciona

6 No UOL, Mauricio Stycer se ocupou desse assunto: <<https://goo.gl/SXt4xu>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

para desqualificar a convocação da greve como um fato jornalístico, permitindo assim ser ignorado, e fazendo funcionar o padrão de ocultação de Abramo⁷. Há muitos exemplos que confirmam o padrão, mas um dos seus mais perniciosos está justamente no fato de que a notícia nem é veiculada publicamente, ficando retida no limbo das redações, o que impede inclusive sua documentação e registro.

O segundo padrão descrito pelo autor é o de *fragmentação*, e ele atua para desvincular os fatos de suas consequências ou desdobramentos. Costuma acontecer nas etapas de planejamento, coleta e apuração das informações e nas fases de edição e elaboração do material final. É, portanto, um padrão com amplo espectro de oportunidade de ocorrência. Conforme Abramo, o padrão implica na relação de aspectos ou trechos do fato e na sua descontextualização. "A fragmentação da realidade em aspectos particularizados, a eliminação de uns e a manutenção de outros e a descontextualização dos que permanecem são essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade" (2003, p. 28). Um exemplo mostra como a fragmentação contribui para a criação de cenários não totalmente condizentes com os fatos: em fevereiro de 2016, reportagens no Domingo Espetacular, da Rede Record, e no portal R7 anunciavam com euforia que *Os dez mandamentos*, filme produzido pelo mesmo grupo midiático, havia se convertido na maior bilheteria do cinema nacional na história. Não só celebrava a boa nova como dizia que a produção tinha sido elogiada por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, conhecido ex-executivo da concorrente, Globo⁸. Duas outras reportagens da *Folha de S. Paulo* – uma em janeiro e outra em abril⁹ – mostraram, no entanto, que embora mais de 11,3 milhões de ingressos tenham sido vendidos, diversas salas de cinema com

7 É bem verdade que esse padrão foi originalmente atrelado à imprensa escrita por Abramo. Na época de sua formulação, não havia jornalismo de internet. Neste artigo, estendemos o escopo dos padrões para sites, blogs e outros canais jornalísticos na internet e na radiodifusão, acreditando que tais padrões também se manifestam nesses ambientes informativos.

8 Disponível em: <<https://bit.ly/2GdBBVF>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

9 As reportagens são de 26 de janeiro <<https://goo.gl/L6fk9q>> e de 11 de abril de 2016 <<https://goo.gl/MMCytE>>, acessadas em 2 de março de 2018.

lotação esgotada estavam parcialmente ocupadas. Conforme as reportagens, compras antecipadas de bilhetes, campanhas nos templos da Igreja Universal do Reino de Deus e distribuição de entradas entre os fiéis eram estratégias para inflar artificialmente aquele sucesso. As matérias dos veículos do Grupo Record não se preocuparam em contextualizar o êxito da produção, oferecendo informações parciais do fenômeno de vendas.

A estratégia da fragmentação causa efeitos sociais deletérios na medida em que cria uma falsa sensação de que o sujeito está informado sobre algo, quando isso é parcial ou incompleto. A integridade da informação foi comprometida e ao público é permitido conhecer estilhaços convenientes de uma cena, fato ou personagem.

Abramo lista um terceiro padrão de manipulação informativa no contexto brasileiro: o de *inversão*, que funciona para reordenar os aspectos do noticiário estabelecendo nova sintaxe de importância dos fatos. A operação pode acontecer tanto no planejamento das coberturas e matérias quanto na transcrição das informações, mas o padrão emerge com nitidez nas etapas de preparação/edição e de apresentação final do produto jornalístico. Conforme Abramo, existem quatro modalidades dele: inversão de relevância dos aspectos; inversão da forma pelo conteúdo; inversão da versão pelo fato (que produz efeitos colaterais como o “frasismo” e o “oficialismo”); e inversão da opinião pela informação. Exemplo recente de como uma versão – mesmo que oficial – pode ser convertida em fato: chamada de notícia do *UOL* (LOPES, 2018) dá conta de que milhões de reais foram pagos irregularmente a ex-governador baiano. O título da matéria é: “Jaques Wagner recebeu R\$ 82 mi em propina e caixa 2, diz PF; prisão preventiva foi negada”. Ao longo da matéria, percebe-se que não foi apresentada nenhuma prova contra o suspeito, que a justiça negou pedido de prisão preventiva e que o texto está construído basicamente em torno das declarações da delegada responsável pela investigação.

É importante notar que o padrão de inversão tem íntimo parentesco com o da fragmentação, pois ambos ocorrem nos planos da sintaxe e complementaridade

da informação. Se o segundo oferece relatos atomizados, o primeiro implode escalas de importância e a lógica linear de seu pleno entendimento, levando leitores e consumidores de informação a acreditarem em cenários parcialmente verdadeiros ou artificialmente construídos.

O quarto padrão de manipulação de Abramo é o da *indução*, e consiste em levar a crer num contexto deliberadamente criado e insistentemente apresentado na forma de realidade. A cobertura ou reportagem é elaborada de forma a alimentar algo que não condiz com o fato, mas sua onipresença reforça a sensação de veracidade, de correspondência com a realidade. Assim, explica Abramo, o padrão pode ser resultado da ação de um meio de comunicação ou da investida de um conjunto de operadores dos processos de comunicação. A matéria em uma revista induz a acreditar numa afirmação e sua reprodução em telejornais e sites repete a mesma narrativa com tanta insistência, que a sensação criada é a de que aquilo é fiel e verdadeiro aos fatos, já que está em todas as partes, como o tecido da realidade:

Depois de distorcida, retorcida e recuada ficcionalmente, a realidade é ainda assim dividida pela imprensa em realidade do campo do Bem e realidade do campo do Mal, e o leitor/espectador é induzido a acreditar não só que seja assim, mas que assim será eternamente, sem possibilidade de mudança (2003, p. 35).

A manipulação desse tipo pode se dar em diversas etapas do fazer jornalístico, mas a apresentação final do produto é determinante. Isto é, o plano da estética tem uma força de consolidação da narrativa que se quer emplacar.

Episódio recente ajuda a ilustrar o funcionamento do padrão de indução. Em meados de fevereiro de 2018, quatro revistas de informação de alcance nacional foram às bancas e a seus assinantes com uma sobrecapa publicitária, estampando um menino com semblante preocupado e a chamada: "Reforma da previdência hoje. Para ele se aposentar amanhã". As capas de *Veja*, *Isto É*, *Época* e *Isto É Dinheiro* faziam parte de uma ação do governo para convencer a opinião pública da necessidade de aprovação das reformas, reforçada com a presença do presidente

da República em programas televisivos de apelo popular. Nas sobrecapas, de forma discreta, era possível perceber se tratar de material pago, mas a onipresença da mensagem, a insistência entre as publicações concorrentes e sua redundância na televisão geraram um efeito massivo para indução dos públicos¹⁰.

Perseu Abramo lista um último padrão que vincula especificamente aos meios de comunicação de rádio e televisão, que ele chama de padrão *global*. O autor afirma que o jornalismo desses meios também reproduz os padrões anteriores, mas há um específico deles que se conjuga pelo alinhamento de três momentos para uma narrativa: primeiro, expõe-se o fato; na sequência, a sociedade fala; e por último, a solução é apresentada por uma autoridade. Na visão de Abramo, a manipulação reside na estratégia de conformar as audiências e fazê-las acreditar que seus problemas só são resolvidos na esfera dos poderes constituídos e nunca a partir de sua organização social ou movimentações cidadãs.

Passadas três décadas do ensaio original, é possível ainda observar peças jornalísticas em telejornais e em emissoras de rádio que recorrem a esse enredo, mas seria exagerado afirmar que se trata de um estilo hegemônico ou principal. Entre os cinco padrões elencados, o global é o mais lacônica e apressadamente explicado, além de ser o último. Essas condições permitem entrevermos que talvez houvesse mais incertezas em torno de seus contornos do que nos anteriores.

Mais alguns padrões de manipulação

Pode-se afirmar que os tipos de manipulação mencionados por Abramo – ao menos os de ocultação, fragmentação, inversão e indução – são propostas robustas e observáveis ainda hoje, passados trinta anos de sua proposição. Suas frequências e capilaridades contribuem para descrever comportamentos recorrentes no jornalismo brasileiro, mas é possível esticar o olhar para enxergar outros padrões de manipulação. É importante também considerar que as técnicas

10 A revista *CartaCapital* criticou as concorrentes: <<https://goo.gl/aHXyNd>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

de manipulação podem atuar associadas e em conjunto, tornando o processo de artificialização narrativa mais efetivo, amplo e duradouro.

A seguir, a título de contribuição para as reflexões sobre o fazer jornalístico e suas implicações técnicas e éticas, listamos outros três padrões de manipulação, que podem ser identificados em diversos meios e suportes de veiculação. Além de propor descrições de seus funcionamentos, atrelamos a eles exemplos ilustrativos.

Um primeiro padrão que propomos é o do *abrandamento*. Consiste em um conjunto de estratégias discursivas ou de enunciação que atenuam títulos ou textos, esvaziando parte da contundência de fatos ou declarações. Assim, o padrão se caracteriza pela adoção de uma linguagem moderada, flexível e amenizadora. Como é uma categoria de superfície, a manipulação acontece tanto na edição do material bruto das matérias quanto nas formas de embalagem e apresentação final do produto jornalístico. Alguns exemplos ilustram como funciona o padrão de abrandamento:

Chamada de notícia da *Folha de S. Paulo* (TUROLLO JUNIOR, 2016) adotava um tom técnico, frio e distanciado para informar denúncia do Tribunal de Contas do Estado: “São Paulo compra merenda com sobrepreço, aponta TCE”. Na reportagem, apuração do órgão mostrou que o governo paulista não obedecia a legislação que determina compra de itens de agricultura familiar, que não tinha controle sobre as aquisições e que vinha pagando todos os produtos bem acima do preço de mercado. Mesmo citando produtos 44% mais caros, em nenhum momento da matéria os gastos com merenda são mencionados como superfaturados, por exemplo.

Em notícia no *InfoMoney* (ZOGBI, 2017), a manchete alivia uma notícia nada boa para os usuários do transporte público paulistano: “Doria e Alckmin mudam valores de integração e bilhete mensal em São Paulo”. A linha de apoio permite um entendimento mais imediato da ação dos políticos locais: “Integração fica quase 15% mais cara a partir do dia 8 de janeiro, mais que o dobro da inflação projetada de 2016”. Isto é, o prefeito da cidade e o governador paulista não apenas mudaram valores, mas aumentaram os custos das passagens.

Notícia de *O Globo* (IGLESIAS, 2017) traz reportagem com o título: “Ex-diretor da Odebrecht confirma ao TSE que Temer pediu apoio financeiro às campanhas do PMDB”. Na reportagem, não se fala em “propina”, mesmo sendo citado que a construtora em questão tinha um departamento exclusivo para tratar desses assuntos junto a políticos em práticas semelhantes às delatadas no texto. Caso muito semelhante é o da notícia da *Folha de S. Paulo* (2017), de 11 de abril daquele ano, cujo título de matéria é: “FHC recebeu vantagens indevidas em eleições, diz dono da Odebrecht”. Nesse caso, note-se que a palavra “pagamento” nem consta do título, embora esteja na declaração textual do delator, reproduzida no início da reportagem. Os dois episódios evidenciam o abrandamento das ações e contrastam com o tratamento dado pela imprensa no caso que já mencionamos na seção anterior para exemplificar o funcionamento do padrão de inversão: a matéria do *UOL* sobre Jaques Wagner e as investigações sobre suposta propina recebida.

Outro padrão de manipulação que apresentamos é o de *escamoteamento*. Esse tipo tem semelhanças com o padrão de ocultação mas tem regras e contornos próprios. O proposto por Abramo se preocupa em evitar que fatos sejam noticiados, produzindo um efeito de invisibilidade à medida que impede sua cobertura ou acompanhamento. O relato não chega a ser produzido e a circular porque a manipulação está justamente na estratégia de desqualificar o ocorrido como fato jornalisticamente relevante. O padrão de escamoteamento é diferente porque funciona em relatos/notícias que foram produzidos para circular. Isto é, na impossibilidade de ignorar por completo um fato a ser relatado, faz-se a cobertura com o cuidado de cercar os sentidos, deliberadamente esquecendo dados, personagens ou outros detalhes mais sensíveis ou inconvenientes, mas que também são minimamente importantes para a compreensão daquele relato. A estratégia de manipulação também é de ocultação de informações, mas parcial e não integral.

Um exemplo em *O Estado de S. Paulo* (TORRES, 2017) é a matéria cujo título era evasivo, apesar de trazer a identificação do acusado e suas credenciais:

“Homem atropela 3 em Florianópolis e foge sem prestar socorro”. O ocorrido causou comoção e indignação na capital catarinense por se tratar do herdeiro do grupo RBS, então maior conglomerado de comunicação do estado. Essa informação foi omitida no título, mas precisou constar na notícia, já que as autoridades policiais haviam identificado o suspeito.

Em 23 de setembro de 2017, *O Globo* fez intenso malabarismo redacional para escamotear os fatos. Diz o título da matéria: “Doria anuncia que devolverá área pública que invadiu em Campos do Jordão”, seguido da linha de apoio, “Candidato tomou a decisão após a Justiça decretar reintegração de posse do terreno”. Da forma como foi informado, pode ficar a impressão aos leitores da boa vontade e disposição do político, e não de que a devolução do terreno foi uma determinação judicial e que só restava a João Doria Jr. acatar a decisão.

O padrão de escamoteamento pode, às vezes, contagiar mais de um veículo, gerando uma espécie de ação coordenada para esconder particularidades de um caso. Em 19 de dezembro de 2017, quatro dos principais jornais brasileiros trouxeram manchetes sobre um cartel para obras no metrô em sete estados e no Distrito Federal. O escândalo que envolveu 21 disputas licitatórias em 16 anos dominou as capas de *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Valor Econômico*, e apenas no primeiro houve menção ao PSDB, partido à frente dos estados em que as obras foram denunciadas. Em nenhum dos jornais o nome de Geraldo Alckmin, governador paulista e pré-candidato à Presidência da República em 2018, foi citado explicitamente, numa autêntica blindagem política¹¹.

Um terceiro tipo adicional de manipulação na mídia brasileira é o que chamamos de padrão de *embaralhamento*, que se caracteriza por um conjunto de estratégias redacionais, narrativas ou estéticas que objetivam confundir e desorientar, levando a outros entendimentos e sentidos, distantes dos originais. Esse é um padrão que funciona sobretudo nas etapas jornalísticas de edição e apresentação do resultado final, e é um tipo de manipulação que opera em

11 Uma crítica detalhada à cobertura está em <<https://goo.gl/6T42zm>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

função de outro padrão, o da indução. Nesse sentido podemos considerar que o embaralhamento dá suporte à indução, sustenta e facilita sua ocorrência. É um padrão que depende inevitavelmente da astúcia e criatividade de redatores e editores e demonstra grande desapego pela fidelidade aos fatos. Apresentamos diversos casos recentes que ilustram sua natureza e funcionamento.

O portal *G1* (2014) de Minas Gerais estampou a manchete “Suspeito de tráfico, Phill Collins é preso com cocaína em Belo Horizonte”, causando grande confusão. Só quem clicou na chamada e foi conferir o texto observou na linha de apoio a informação de se tratar de um homônimo do cantor inglês. A notícia era verdadeira, o homem detido tinha o mesmo nome do artista, mas muito possivelmente o fato só se tornou notícia pela homonímia, alterando os critérios de noticiabilidade e a própria tática de distribuição da informação. A astúcia e o intuito de enganar moveram as engrenagens jornalísticas. A estratégia de capturar o interesse do público com títulos apelativos, irreverentes e de duplo sentido não é nova e já foi extensamente usada por uma parcela da imprensa sensacionalista (ANGRIMANI, 1995). Em tempos de internet e redes sociais, o recurso alargou seus limites, recebendo fortes impulsos em novas dinâmicas, sendo também chamado de *clickbait*. Na maior parte das vezes, as ações para caçar cliques atendem a interesses comerciais, enaltecendo marcas, produtos e causas, valendo-se da confusão dos sentidos do público, o que colide de frente com princípios éticos do jornalismo e sua função de bem informar as audiências¹².

A estratégia de desorientação pode se dar a partir da confusão sobre períodos históricos, como quando *O Dia* (2017) trouxe manchete que parecia uma boa notícia para os funcionários públicos do Rio de Janeiro – “Estado vai antecipar segunda parcela do salário de novembro amanhã” –, já que esta não é uma prática frequente. A linha de apoio reforçava a impressão: “Governo vai depositar mais R\$ 1 mil para os servidores”. O público tem real dimensão do fato quando passa a ler a matéria e percebe que o salário é referente a novembro de 2016 – atrasado,

12 Vieira (2018) faz uma aprofundada discussão entre ética jornalística e uso de métricas editoriais por veículos como a *BBC*, *The Guardian* e *Folha de S. Paulo*.

portanto –, e que se trata de uma parte dele, a segunda parcela. A antecipação de que trata o título está no depósito ser anunciado para a segunda-feira, 8, três dias antes do previsto no calendário divulgado. A menção a salários não pagos e a própria palavra “atrasado” não aparecem em nenhum momento no texto do jornal, informação relevante e simplesmente ignorada. Nesse episódio, padrões de ocultamento e de embaralhamento contribuem para a manipulação da informação.

Casos semelhantes são observáveis com maior frequência a partir das assessorias de comunicação de órgãos públicos. Em notícia, o site do CNPq (2016) anunciava: “Pagamento do Universal 2014 está adiantado”. A matéria se referia à liberação de recursos para um edital de fomento científico de dois anos anteriores. Se o repasse está atrasado, como pode estar adiantado?

O padrão de embaralhamento funciona ao provocar confusões temporais, mas também ao criar cenários a partir de elementos que não se encaixam ou cujo resultado desafia a lógica. Em 7 de abril de 2017, a comentarista Thaís Herédia da *GloboNews* destacava medidas econômicas do governo e no rodapé da tela uma frase oferecia a síntese de sua fala: “Recessão e desemprego derrubam inflação e devolvem poder de compra aos brasileiros”. O raciocínio fazia acreditar que dois resultados ruins geravam um positivo. O comentário foi logo ironizado em redes sociais e por analistas mais críticos¹³, levando a própria jornalista a reconhecer o erro em sua conta no Twitter dois dias depois¹⁴.

O portal *Exame* (PARAGUASSU, 2017) publicou: “Temer assina decreto que aumentará salário mínimo para R\$954”. A notícia deixa de ser positiva logo na linha de apoio quando se lê: “Em meados de dezembro o Congresso Nacional havia aprovado o Orçamento de 2018 estabelecendo o salário mínimo em 965 reais”. A simples comparação entre os valores permite concluir que a sanção presidencial determina salário mínimo menor que o aprovado, sentido distinto da positividade da manchete, afinal, a rigor, houve redução do reajuste.

13 Disponível em: <<https://goo.gl/SBkHYM>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

14 Disponível em: <<https://goo.gl/SDgt3C>>. Acesso em: 10 jan. 2018.



CORRUPÇÃO EM SÉRIE

Janot denuncia Lula, Dilma e PT por organização criminosa

Ex-presidentes e ex-ministros são acusados de receber R\$ 1,48 bi de propina
 'Lula foi o grande idealizador' do esquema, afirma procurador-geral; defesa do petista diz haver perseguição

Os ex-presidentes Lula e Dilma foram denunciados pela Procuradoria-Geral da República por formação de organização criminosa para desviar dinheiro da Petrobras e de outros órgãos da administração. O quarteto é chamado de "quadrilho do PT", por envolver alguns dos principais nomes do partido, como os ex-ministros Paulo Marinho, Paulo Bernardo e a senadora Gleisi Hoffmann, entre outros. O procurador-geral, Rodrigo Janot, apontou Lula como chefe e "grande idealizador" da organização criminosa, e defendeu que ele seja condenado a pena maior que a dos outros. A suposta quadrilha do PT é acusada de receber R\$ 1,48 bilhão de propina "de transações de 2002 a 12 de maio de 2006". Somente Lula teria recebido R\$ 200 milhões. Segundo a denúncia, o esquema causou prejuízos de R\$ 20 bilhões à Petrobras. A defesa de Lula disse que é perseguição a ele. Os advogados de Paulo Bernardo afirmaram que o petista vai colaborar no processo. **PÁGINA 8**



A CAVERNA BAIANA DE ALI BABÁ

Na maior apreensão do dinheiro vivo já feita no país, a PF encontrou mais de R\$ 50 milhões em notas de R\$ 100 e R\$ 50 guardadas em malas e caixas num apartamento de Salvador. Segundo a PF, o envolvimento pertence a Silvio Ferreira, que ostenta endereço para que o ex-ministro Geddel Vieira Lima (PMDB-BA) em prisão domiciliar, quando portador. Sete maletas de montar e malas foram usadas para trazer o dinheiro. **PÁGINA 10**

STF reage a áudio da JBS; Temer ganha fôlego

As citações de delatores da JBS a quatro ministros do STF, sem qualquer indício de crime, provocaram forte reação no tribunal. A presidente Gleisi Lúcia disse que houve agressão inédita à "dignidade institucional" do Supremo e pediu apuração imediata. Três meses após ministros da Corte defenderem que a validade das provas apresentadas por Joesley Batista seja revista pelo plenário do tribunal, se comprometeram a emitir



MERVAL PEREIRA
 País está no mais baixo nível na escala de nações dominadas por governos populistas. **PÁGINA 4**

PEDRO DIAS LEITE
 Gravação abafa nova denúncia contra Temer e deve facilitar conclusão do mandato. **PÁGINA 4**

MIRIAM LEITÃO
 Conversa síndica, segreda a barbela, revela o empresário que se sentia irresistível. **PÁGINA 14**

FRANCISCO LEALI
 Congresso forte para que provas da JBS sejam analisadas pelo STF. **PÁGINA 4**

EDITORIAL
 'Decisão de Janot fortalece delação premiada' **PÁGINA 20**

Esquema de Cabral é acusado de comprar voto para Rio-2016
 Compra de apoio ao COB para o Rio-soltar os Jogos teria sido intermediada pelo presidente do COB, Carlos Arthur Nuzum, segundo a PF. **PÁGINA 12**

Rio assina acordo, mas terá de fazer ajustes

Após mais de meses de negociação, foi homologado o acordo de secretoria firmado entre o Estado do Rio e o Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2014. O acordo prevê a prestação de serviços de apoio administrativo e financeiro em troca de R\$ 50 milhões em cinco parcelas. O acordo prevê a prestação de serviços de apoio administrativo e financeiro em troca de R\$ 50 milhões em cinco parcelas. **PÁGINAS 14 e 15**



ESPORTES
ELIMINATÓRIAS DA COPA BRASIL EMPATA NO TESTE MAIS DIFÍCIL
 Com um time fortalecido no meio de campo e no ataque, a seleção não conseguiu se impor diante da Colômbia e empatou em 1 a 1. **PÁGINA 14**

Figura 1: Capa do jornal O Globo de 6 de setembro de 2017. Fonte: O Globo (2017).

Uma outra manifestação do padrão de embaralhamento se dá quando informações em texto e imagem, que não têm conexão direta entre si, são dispostos no mesmo espaço ou ocasião, gerando nexos artificiais de causalidade ou de afinidade. Um exemplo é a primeira página de *O Globo*, de 6 de setembro de 2017 (Figura 1), com a manchete “Corrupção em série: Janot denuncia Lula, Dilma e PT por organização criminosa” e logo abaixo uma foto com malas e caixas cheias de dinheiro, e o título “A caverna baiana de Ali Babá”.

A proximidade dos elementos gráficos na página e seu contexto – a política nacional, denúncias de corrupção – forçam, de imediato e de forma quase instintiva, uma leitura que conecta Lula, Dilma e o PT ao dinheiro apreendido pela Polícia Federal. Entretanto, o montante encontrado de mais de R\$ 51 milhões estava sendo atribuído a Geddel Vieira Lima, político do PMDB e muito influente no governo Temer¹⁵. Para muitos leitores, é imediata, direta e indesejável a vinculação entre a denúncia por criar uma organização criminosa e o produto de crime de desvio de recursos públicos, isto é, entre Lula, Dilma e o PT com o dinheiro encontrado pela polícia.

Note-se, então, que o padrão de embaralhamento atua como suporte ou reforço do padrão de indução, descrito por Abramo (2003, 2016), já que ambos provocam ruptura, estriamento ou perda dos elos de causalidade numa história, muitas vezes levando a erro de julgamento das informações. Entre os padrões que apresentamos como adicionais neste artigo, a estratégia do embaralhamento é a mais avançada porque demanda convicção na intenção de manipular os sentidos e porque depende de gestos e procedimentos mais sofisticados de relatar/apresentar/anunciar narrativas alternativas.

15 Geddel havia sido ministro da Integração Nacional de Lula entre 2007 e 2010 e ministro-chefe da Casa Civil de Michel Temer em 2016. Intitulada Cui Bono, a operação da Polícia Federal apreendeu oito malas e quatro caixas de dinheiro, e foram necessárias catorze horas para que máquinas contabilizassem o valor total, apontado como a maior apreensão de dinheiro vivo da história do país. Segundo as investigações, os recursos haviam sido desviados do fundo de investimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FI-FGTS). A descoberta do dinheiro levou a justiça a decretar nova prisão do político. Até março de 2018, permanecia preso em Brasília.

Considerações finais

A identificação de casos de manipulação informativa tem sido um serviço recorrente da crítica de mídia no Brasil, identificando práticas indesejáveis e, indiretamente, contribuindo para o aperfeiçoamento de procedimentos e para a criação e implementação de mecanismos de controle de qualidade nas organizações jornalísticas. A avalanche de *fake news* tem ocupado grande parte do tempo e da preocupação das redações e de outros setores da sociedade. Apesar da evanescência nos contornos conceituais das *fake news* e da manipulação informativa, alguns episódios são claros e contundentes suficientemente para que essa categoria seja mantida entre os estudos da área e para a análise crítica dos meios de comunicação. Quando Perseu Abramo lista um conjunto de padrões que assola o jornalismo brasileiro, contribui para uma sistematização relevante, aplicável e útil.

Patrícia Cornils, que assina a apresentação da segunda edição do ensaio de Abramo, lembra que na atualidade – diferente do contexto original do texto – “parte da disputa pela opinião pública se dá nesta esfera conectada e em publicações online independentes da grande mídia” (2016, p. 8). Reginaldo Moraes (2016), que assina o prefácio da mais recente edição, afirma que conhecer como a grande mídia funciona, que artimanhas usa e como atua é importante porque os meios de comunicação de massa ocupam um lugar de formação de habilidades não cognitivas para jovens e adultos. Isto é, nessas fases da vida, aprende-se mais da realidade e do mundo com a mídia do que com a escola. Ambos têm razão: a mídia não é mais a mesma da época de Perseu Abramo, mas ela continua sendo determinante para nosso senso de realidade.

Abramo foi certo na identificação de ao menos quatro dos cinco padrões de manipulação, mas parte substancial de suas conclusões não pode ser verificada década depois do vaticínio. O autor lançou a hipótese de que as classes dominadas tenderiam a transformar os meios de comunicação de massa, primeiro os desmitificando, depois os contra-atacando (uma reação a assumirem a condição de entes políticos-partidários) e, por fim, transformando-os em institutos de direito público, para controle da população. Ao cumprir tal programa, as

classes dominadas estariam libertando o jornalismo de seu principal inimigo, “a imprensa como existe hoje” (ABRAMO, 2003, p. 51). Três décadas se passaram e as projeções não se verificaram, até porque a estrutura das comunicações no país se manteve desde então. A democratização do setor foi uma pauta evidente do Partido dos Trabalhadores, de quem Perseu Abramo foi um dos fundadores, durante anos. No poder por treze anos, o PT fez pouco ou quase nada para enfrentar a questão, muito embora estivesse municiado com mais de 600 teses aprovadas na Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), realizada em dezembro de 2009.

Aspectos estruturais, como concentração do mercado, propriedade cruzada e coronelismo eletrônico, são determinantes não apenas na produção de conteúdos informativos, mas também em distribuição, equilíbrio, pluralidade e diversidade. Se modificar a estrutura do sistema midiático brasileiro é uma tarefa muitíssimo complexa, estudar e compreender o seu funcionamento é oportuno, necessário e estratégico. O estudo e tipificação das *fake news* para sua compreensão e combate e a identificação de padrões de manipulação são tarefas possíveis.

Neste artigo, revisitamos os padrões descritos por Perseu Abramo e sugerimos outros três tipos. Evidentemente, eles não são os últimos e definitivos. Outros poderão ser apresentados em posteriores pesquisas, detalhando ainda mais a paisagem da manipulação na mídia nacional. Perseu Abramo fez isso há trinta anos. Esperamos que não sejam necessários outras três décadas para que o jornalismo brasileiro alcance padrões de excelência. Esses sim, muito diferentes das *fake news*, desejáveis e imprescindíveis.

Referências

AMORIM, S. Doria anuncia que devolverá área pública que invadiu em Campos do Jordão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/4gCoeJ>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

ANGRIMANI, D. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BALL, J. *Post-truth: how bullshit conquered the world*. London: Biteback, 2017.

BONNER, W. *Jornal Nacional: modo de fazer*. São Paulo: Globo, 2009.

CHRISTOFOLETTI, R. As notícias falsas podem não ser tão ruins assim. *ObjETHOS*, Florianópolis, 18 dez. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/g5YTfk>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

CONTI, M. S. *Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CORNILS, P. Apresentação à segunda edição. In: ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. p. 5-11.

DEBATE Collor × Lula. *Memória Globo*, Rio de Janeiro, 3 ago. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/G3uu8Q>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

DUNKER, C. et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

ERBOLATO, M. *Dicionário de propaganda e jornalismo*. Campinas: Papyrus, 1985.

ESTADO vai antecipar segunda parcela do salário de novembro amanhã. *O Dia*, Rio de Janeiro, 5 jan. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/1bE5RK>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

FACHEL, F. (@flaviofachel). O que é notícia? O que acontece. E a greve? Se acontecer, a notícia é amanhã. #Jornalismo. *Twitter*, 27 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/bj67F7>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

FHC recebeu vantagens indevidas em eleições, diz dono da Odebrecht. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/UgCjTK>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. *Manufacturing consent: the political economy of mass media*. London: The Bodley Head, 2008.

HOLIDAY, R. *Acredite, estou mentindo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

IGLESIAS, S. Ex-diretor da Odebrecht confirma ao TSE que Temer pediu apoio financeiro às campanhas do PMDB. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 mar. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/83dtqj>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

LOPES, N. Jaques Wagner recebeu R\$ 82 mi em propina e caixa 2, diz PF; prisão preventiva foi negada. *UOL*, São Paulo, 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/91QydN>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MORAES, R. Urgente. Luminoso. Indispensável. In: ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. p. 13-17.

PAGAMENTO do Universal 2014 está adiantado. *CNPq*, Brasília, 28 nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/DjPbGb>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

PARAGUASSU, L. Temer assina decreto que aumentará salário mínimo para R\$954. *Exame*, São Paulo, 29 dez. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/N2S42v>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

SUSPEITO de tráfico, Phill Collins é preso com cocaína em Belo Horizonte. *G1*, Rio de Janeiro, 31 dez. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/dA2UFD>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

TANDOC JUNIOR, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”. *Digital Journalism*, Abingdon, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

TORRES, A. Homem atropela 3 em Florianópolis e foge sem prestar socorro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/GXS7eU>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

TUROLLO JUNIOR, R. São Paulo compra merenda com sobrepreço, aponta TCE. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/BMRtw7>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

VIEIRA, L. S. *Métricas editoriais no jornalismo online: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas*. 2018. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

WARDLE, C. Fake News. It’s complicated. *First Draft News*, Cambridge, 16 fev. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/oF9QCy>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

ZOGBI, P. Doria e Alckmin mudam valores de integração e bilhete mensal em São Paulo. *InfoMoney*, São Paulo, 2 jan. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/kYMZtM>>. Acesso em: 7 de mar. 2018.

submetido em: 12 mar. 2018 | aprovado em: 12 abr. 2018